

# UMA TENTATIVA ANALÍTICO-INTERPRETATIVA DE ELEMENTOS DA LITURGIA CARISMÁTICA, SEGUNDO IMPLICAÇÕES DA PEDAGOGIA DA LINGUAGEM TOTAL

---

NELSON LUIZ POSSETI

---

Diretor da FACISU/APEC  
Docente das FIAPEC

## RESUMO

Este trabalho propõe-se a realizar uma análise interpretativa dos aspectos inerentes na Liturgia do Movimento de Renovação Carismática, a partir das inferências obtidas da "Pedagogia da Linguagem Total", segundo Francisco Gutierrez. Dado o fato de não se conhecerem estudos e/ou pesquisas maiores neste âmbito, a tentativa será como a daquele marujo que necessita reparar sua embarcação ao mesmo tempo em que navega. Procurou-se elucidar hiatos existentes para que melhor se compreendam os significados dos Carismas tais como: expressões de fé através de sons e/ou palavras, oração em línguas (Glossolalia = fala em línguas), espontaneidade e participação emocionais, alegria explosiva, dinâmica de grupo (círculos de oração), dançar, bailar, cantar..., numa perspectiva crítico-constructiva.

## ABSTRACT

This work means to achieve an interpretative analyses from inherent point of view in the Liturgy of Movement of Charismatic Renovation, beginning from the inference obtained from "Pedagogy of Total Language", by Francisco Gutierrez. As one doesn't know studies and/or bigger researches in this ambit, the tentative will be like

that sailor who needs to repair his ship at the same time he sails it. One tried to elucidate existed hiatus, for better to understand the meanings of charism such as: Belief expressions through sounds and/or words, prayers in language (Glossolalia = to speak in languages), spontaneity and emotional participation, explosive gladness, group dynamics (prayer circle) to dance, to sing in a critical-constructive perspective.

## 1. INTRODUÇÃO

O que nos incentivou à realização deste trabalho, até certo ponto um desafio, foram nossas reflexões sobre a relevância que o Movimento de Renovação Carismática vem apresentando, uma vez que, cada vez mais, a comunidade vem participar das Eucaristias, e nelas, todas as pessoas manifestam sua participação ativa, numa assembleia verdadeiramente caracterizada pelo conagraçamento efetivo, com cânticos, mãos estendidas e gestos de oferendas, partilhando suas emoções de forma viva e inconteste.

Constata-se que, nas orações, todos têm permissão de se expressarem segundo o que lhe inspira o Espírito Santo, oportunidade em que pudemos observar que as manifestações de comunicação, tornam-se algo nitidamente impressionante, particularmente porque as mesmas unem as

peessoas de diferentes idades, situação sócio-econômica, cor..., como se estivessem possuídas de uma nova alegria de viver e de se sentirem pessoas; de serem livres para se expressar exercendo o “Poder da Palavra” manifestado pelo Cardeal Suennes em Cahiers du Renouveau nº 25: “Eu vos pedi o silêncio da oração; agora, eu vos peço o Poder da Palavra”.

A experiência parece-nos uma obra de libertação profunda, que há muito não presenciávamos nas relações interpessoais e que personifica, dentro do processo de comunicação, uma forma dinâmica de linguagem, uma fonte inesgotável de diálogo, uma comunhão com a Criação e com os demais semelhantes, uma vez que o louvor brota espontâneo de N número de pessoas e grupos. “A expressão livre e externa da emoção religiosa pelo canto, pelas palmas, pelas exclamações entusiásticas de louvor, ou as orações e línguas se identificam tanto em suas mentes com a oração no Espírito que chegam a dar pouco valor ao silêncio e à contemplação e quase nenhum à vida interior. O sentimento, a emoção e a experiência têm um lugar muito grande na sua estima, em detrimento da fé, da contemplação e do culto”.<sup>1</sup>

Isto tudo nos atrai, nos perturba e leva-nos a uma análise crítica sobre o fenômeno, ao reconhecer que, desde que o homem utiliza sons e signos significativos para comunicar-se com seus semelhantes, estas capacidades deveriam estar sendo vivenciadas sobremaneira no cotidiano das práticas e/ou rituais litúrgicos religiosos e isto pouco havíamos presenciado até então em nossas igrejas, embora nossa tradição religiosa seja de fiéis praticantes.

Vimos então o ensejo de tentarmos, após a leitura e discussão do texto do Livro LINGUAGEM TOTAL - Uma Pedagogia dos meios de comunicação de Francisco Gutierrez, uma análise interpretativa das implicações de seu referencial, com os elementos da Liturgia Carismática.

Dentro desta perspectiva, sem nenhuma pretensão de encontrarmos respostas definitivas, mas apenas a de levantar questões para análise de outros

profissionais e/ou especialistas que se proponham a compartilhar conosco a busca de outros caminhos ou respostas, é que este trabalho se impõe.

## 2. ENFOQUE TEÓRICO SOBRE O CONTEXTO DA COMUNICAÇÃO

Hoje, mais do que nunca, estamos vivendo num meio massificado pelas imagens e sons. Cada vez que realizamos alguma experiência vital no ambiente em que nos encontramos inseridos, percebemos que o mesmo se encontra repleto de informações diversas, sem mencionarmos a presença das realidades cibernéticas que ressaltam em todas as partes os significados dos quais se compõem.

Percebemos que a palavra como técnica de comunicação se nos apresenta como um dos inventos mais fantásticos dos quais se deveria beneficiar toda a humanidade, trazendo, conseqüentemente, às gerações contemporâneas algo incomensurável e decisivo à intelectualidade ou a melhor compreensão do mundo, das coisas e dos fenômenos.

Tudo ocorre como se o homem, à medida em que se aproxima do apogeu de seu poder, se visse mais premido à reconciliação para consigo próprio e a buscar a unidade original de sua capacidade inteligível, instintiva e social, como ser participante e comunicativo, numa situação imponderável e livre. Para tal, torna-se imprescindível a este homem, comunicar-se. Esta faculdade deveria ser para todos um direito inalienável, pois como diz Paulo Freire: “Colocar obstáculos à comunicação, equivale a transformar os homens em objetos, posto que são comunicação entre si”.

É incontestável que nunca, como agora, os conflitos entre o homem e a realidade, foram tão evidentes e profundos, tornando-se, pois, necessário um posicionamento do mesmo, diante da sua realidade vivencial, mais dinâmico, consciente e participativo, principalmente em termos de comunicar-se com o OUTRO.

Para melhor compreendermos, citamos Manuel Martínez: “Os meios de comunicação, formas do saber e formação social se encontram sempre entrelaçados, numa relação que não é casual, mas dialética. Falar em sociedade é dizer e estar UM com o OUTRO, compartilhar um saber, comunicar-se através de diferentes canais”.<sup>2</sup>

Para nós, comunicação requer comunitariedade de intenções, interesses, motivação e sobretudo, aspirações. Portanto, devemos ter em mente que a sociedade através de suas expressões culturais, deverá oportunizar ao homem formas nas quais e através dos quais possa exteriorizar seus pensamentos, emoções e sentimentos e obter habilidades de comunicar-se, não importa, se de forma apenas coloquial!

Sentimos que a comunicação constitui-se numa necessidade presente de toda pessoa, pois tal capacidade abre à criatura humana novos caminhos, quer às ciências, quer às relações interpessoais, caminhos estes que podem contribuir decisivamente para a transformação do mundo, principalmente, via dialogicidade.

Neste aspecto a “Renovação Carismática procura estabelecer entre os fiéis, relações interpessoais que permitem a cada um aparecer com sua própria identidade, estilo de vida e caráter pessoal. Não é de surpreender, portanto, encontrar repouso e alegria nas reuniões carismáticas, cada um se sentindo nelas à vontade, porque é conhecido e contado como alguém apreciado e amado”.<sup>3</sup>

Entendemos que a repressão à palavra; que a inibição aos contatos e a falta de espontaneidade e participação nos processos de comunicação, violentam o que a linguagem tem de mais relevante, de mais plenamente humano: o dinamismo do ser que se vale da linguagem para se expressar e realizar-se como pessoa, cidadão, profissional e cristão. Vejamos, por exemplo, quantas são as restrições a que muitas vezes somos submetidos: se alguém participa vivamente quando assiste a um evento esportivo, cantando, pulando, encenando, ululando;

enfim, se divertindo através de uma catarse, ela é considerada geralmente como um ser normal, mas se se manifesta com alegria participativa num cerimonial religioso, achamos tal manifestação algo suspeito.

Quanto a isto, devemos considerar alguns aspectos, como o daqueles carismáticos para quem Cristo torna-se motivo significativo, visto se entusiasmarem e usarem todo o seu ser para louvar a Deus, entrelaçando emoções e corpo numa manifestação sentida, vivida e comunicada. E isto é maravilhoso, principalmente na medida em que o vivenciar de determinados carismas concorre para “renovar coisas velhas, passadas, criando coisas novas; animar e enriquecer a comunidade pela partilha de bens, converter, curar, fortalecer e aumentar o povo de Deus”.<sup>4</sup>

E aí fica fácil o entendimento, pois quaisquer processos, principalmente aqueles que demandam a reunião de pessoas em grupos, para se descobrirem, partilharem e se confraternizarem, que não se caracterizem por um relacionamento forte e comprometido entre seus membros, ficam tremendamente prejudicados. Na Liturgia Carismática, o que verificamos é que todos participam fervorosamente; que não há lugar para meros espectadores, tornando-se uma forma de comunitariedade de comunhão por excelência, como se estivessem nos dizendo: “Vinde e vede, não estamos no silêncio; se estamos orando em línguas, estamos expressando nossa fé através de sons, eis o canto sem palavras, a voz sem discurso, a prece sem discussão, a evocação sem condições, e isto é um fator de unidade para a assembléia que ousa aceitá-la, e para nós ela constitui o retorno desejado”.

Os apartes são de todos os participantes, postos em comunhão, constituindo a verdadeira característica do grupo, através de uma comunicação dialógica e horizontal, numa só linguagem, numa linguagem total, de três classes de significados; as palavras, as imagens e os sons. Então vemos como a palavra é mágica, como possui uma carga significativa decorrente dos sentimentos, dos valores culturais, como as emoções manifestadas, ganham vida.

Verificamos como “a Linguagem Total reintroduz o homem num universo de percepções porque é, antes de mais nada e primordialmente, uma experiência pessoal, global, onde a percepção opera integrando os diversos sentidos”.<sup>5</sup>

Aprendemos que as Novas Linguagens nos ensinam que a comunicação não mais se traduz pela simples transmissão de idéias, fatos, mas sobretudo pelo fato de nos proporcionar novas formas de ver as coisas, o que conseqüentemente influencia o processo de modificação dos significados ou conteúdos. No movimento de Renovação Carismática, sentimos a Linguagem, em sua essência; uma linguagem total no sentido mais abrangente que possamos atribuir. Ali a vemos como expressão pura, uma forma por intermédio da qual se realizam, se constituem como grupo, se irradiam pelo fazer, pelo sentir e pelo manifestar-se. Não se comunica, apenas por meio de signos aprendidos convencionalmente, fictícios e impessoais; comunicam-se porque sentem, pois se tornam sensíveis, tanto quanto possível, aos outros, através da auto-expressão e da renovação de posturas, abraçando-se fraternalmente, sem barreira de raça, nem de sexo, em ordem como numa família sadia, onde se aprendeu a distinguir a afeição do erotismo.

Não há dúvidas: há algo novo ocorrendo no âmbito da igreja e principalmente através da Renovação Carismática. Vimos pessoas cujas vivências e experiências se transformaram ao sentirem que são capazes de se auto descobrir e corresponder ao amor de Deus e ao próximo, via comunicação espontânea e participativa; pessoas que se libertam do gelo das atitudes reservadas, egoístas e polidas e reencontram a liberdade na expressão gestual que é bem própria da condição humana.

### 3. O UNIVERSO DA DINÂMICA DE GRUPO E OS GRUPOS DE ORAÇÃO CARISMÁTICA

O ambiente de uma dinâmica de grupo, segundo

compreendemos, é o mais adequado para que passemos das questões e respostas intuitivas formuladas de livre e espontânea vontade a uma consciente busca de respostas partilhadas. Quando a mensagem que desejamos comunicar a cada um dos outros tende a ser percebida de forma significativa, as pessoas reagirão diante delas, através de uma reação em cadeia, que é a característica ímpar da comunicação dialógica. Torna-se fundamental, portanto, que a presença física dos envolvidos seja vivida, sentida e compartilhada afetivamente. Assim sendo, cada membro do grupo, no decorrer das atividades da dinâmica, não se restringirá apenas a ser portador de mensagens, mas sobretudo, recriador de significantes, de forma empática. Isto poderá provocar modificações das condutas, pensamentos, atitudes e inclusive da própria personalidade.

Hoje em dia, a Renovação Carismática está em expansão visível em todo o mundo e cada vez mais, as reuniões de oração, dos grupos ou círculos de oração, com a finalidade de louvar e glorificar o Pai por Cristo, com Ele e nEle tomam dimensões, que se caracterizam pela alegria, às vezes até explosiva, outras, serena, outras por momentos de solenidade e serenidade, mas sem quaisquer conotações de tristeza. Esta não existe nunca. Os cantos-louvores e até o silêncio de recolhimento, encontram-se envolvidos sempre por uma auréola de alegria.

É provável inclusive que algumas pessoas, participantes primeiras, se surpreendam com as manifestações que acontecem, mas por certo, jamais terão a impressão de que os participantes tradicionais se aborrecem na casa do Senhor, pois a presença do Espírito que age junto a todos, empresta o clima da reunião de oração e das relações interpessoais, personificando estes cânticos:

“Meus irmãos, alegrai-vos no Senhor. Alegrai-vos sempre no Senhor, repito, alegrai-vos”. (Flp 3,1; 4,4).

“O Senhor teu Deus está no meio de ti...

Ele anda em transportes de alegria por causa de ti...

Ele exulta de alegria a teu respeito como num dia de festa”. (Sof 3.17).

O círculo de oração é festivo e alegre. É emoção, sem dúvida nenhuma, mas em clima de gozo e de paz, pois trata-se de uma questão de amor, de um ser humano que, por natureza, é emotivo.

Percebe-se que os sentimentos são legítimos e expressos com naturalidade - de forma alguma reprimidos por “respeito humano” -, afinal, a plena alegria é aquela que brota muito mais do dar do que do receber. É a que nasce da doação e da entrega, sem condições.

Logo à primeira vista, quando assistimos a um círculo de oração, sentimos que a naturalidade das atitudes e a espontaneidade nas participações é que dão o tom e o ritmo nas relações, pois ninguém está a fim de impressionar ou catequizar quem quer que seja, mas simplesmente abrir seus corações a Deus.

#### 4. OS JOVENS, OS CANTOS E DEMAIS MANIFESTAÇÕES LITÚRGICAS

Quem participa, indiretamente está exprimindo certa responsabilidade e conscientização a respeito de Algo. Assim, o jovem contemporâneo está a desejar e exigir participação em seu processo de formação. Possivelmente, este interesse e esta prontidão pela participação sejam uma das consequências interessantes das novas linguagens. Entendemos que os jovens desejam ser, atualmente, não meros espectadores e/ou consumidores passivos, mas basicamente, construtores de sua própria história, pois bem sabem que suas procuras, necessidades, a conquista da identidade e a libertação de tutelas, só poderão ser alcançadas através de uma

participação consciente e constante.

cremos que é chegada a hora, para a juventude, de reencontrar o caminho da oração, da comunicação, da liberdade e da participação, visto que, se a mesma vem exprimindo sua vida, pelo canto, pela dança e pelas guitarras, por que motivo então, esta mesma juventude estaria indiferente à celebração da alegria de Cristo?

Sendo o canto uma das formas mais espontâneas de manifestação dos diferentes sentimentos humanos, o canto na oração, ou melhor, a oração em canto, constitui-se num aspecto bem típico das reuniões, por ser verdadeira oração, fomentando a unidade do grupo e enriquecendo as relações. Quem canta com entusiasmo, comunica-se por inteiro, já que o interior comunga com o exterior. Ao cantar para Deus, todos se unem num só Espírito, desde o início dos cerimoniais até o final, ocupando geralmente a maior parte das reuniões e constituindo um dos elementos mais importantes delas. Os cantos manifestados pelos jovens, enchem todos os espaços de alegria e recolhimento, se manifestando como um verdadeiro ministério, um carisma do Espírito.

Achamos que a manifestação do canto, das aclamações, dos gritos, dos aplausos, da dança... não devem ser identificadas como algo frívolo, superficial, mas sim como manifestações entusiásticas de alegria e sinal de Espírito presente no grupo, pois uma liturgia alegre, para aqueles que dela participam e que estão conscientes do mistério de Deus, torna-se concreta, intensa de forma irresistível aos envolvidos contribuindo substancialmente para a elevação da experiência litúrgica.

Os pés, as mãos e todos os órgãos do corpo, quando usados com fé íntegra, constituem formas de manifestação externa e comunicação de emoções, tanto para louvar, como para comemorar, agradecer, tocar... É São Paulo mesmo que nos diz que “não era suficiente crer com o íntimo do coração, mas que era necessário, ao mesmo tempo, proclamar externamente, com a boca, o Senhorio do Senhor” (Rom 10,9-10.). Diz também que

“nosso corpo é um santuário do Espírito e que não nos pertence,... o corpo é para o Senhor, e o Senhor para o Corpo” (1 Cor 6,13).

O Evangelho, apresenta essas manifestações simples e sinceras para com o Senhor:

- O cego de Jericó, que grita; Mc 10,47.
- A pecadora que chora, unge e beija os pés do Senhor; Lc 7,38.
- O paralítico curado que salta, brinca e louva a Deus; At 3,8
- Davi dançou diante da Arca quando esta foi trazida a Jerusalem: 2 Sam 6,4-21.
- No novo testamento, o Pai Misericordioso festeja o regresso de seu filho com música e dança. Lc 15,25.
- O homem que se dirige a Deus, levantando as mãos. Ex 17,11; Esdr 9, 5; Ne 8, 6; 2 Mac, 20-14,34; Jó 11,13; Sl 28,2; Is 1,15; 1 Tim 2,8.
- O povo que aplaudiu algo significativo. Sl 7,1; Is 55,12;
- A Manifestação do canto. Moisés: Ex 15, 1; Salomão 1Rs 4,32; Davi, o saúve salmista de Ismael: 2 Sam 23,1; 1 Crôn 16,9.
- As aclamações do povo ao rei vitorioso. Esdr 3,11; 1 Crôn 16,34; Sl 47,1
- Os Gritos, explosões d'alma. 1 Sam. 4, 6; Sl 3,4; 7,7; Rom 8,15; Apc 71,0; Mt 21,9.

## 5. O DOM DAS LÍNGUAS

Dentre os carismas que enriquecem a liturgia carismática, vemos o “dom das línguas”, mais com funções de ordem pessoal do que propriamente comunitária. A função essencial do carisma das línguas é a oração. De maneira mais específica parece-nos estar associado à oração de louvor: “...todos, cretenses e árabes, ouvimo-los falar, em nossas línguas, das grandezas de Deus” (At.2.11). No entanto, esta forma requer disciplina, pois embora engaje a totalidade de uma pessoa, e suas emoções, o ato de orar em língua não está

necessariamente vinculado a uma elevação emocional.

É de se notar que este carisma está se tornando muito frequente na Igreja Carismática contemporânea, tornando-se um objeto digno de pesquisa para os especialistas, pois ainda merece investigação se as línguas em certos casos são ou não uma língua verdadeira. Também resta a evidência que a Renovação Católica não vincula necessariamente as línguas às realidades espirituais recebidas no sacramento da iniciação.

É curioso o “falar em línguas”, que se caracteriza como Glossolalia; a improvisação de uma fala que não depende nem da língua materna do indivíduo nem de outra língua conhecida. “O sujeito está perfeitamente calmo e plenamente consciente. Sabe o que faz e o que acontece ao seu redor. Muitas vezes, está engajado numa conversa normal, razoável e isto imediatamente antes e depois de falar em línguas”.<sup>6</sup>

Não se trata nem de transe nem de delírio, é puramente reações humanas ao poder do Espírito Santo. A Glossolalia não possui caráter estático, uma vez que aquele que fala está em plena posse de si mesmo, sentindo-se habitado e inspirado; mas não possuído. Encontra-se capaz de falar ou não, a continuar ou parar, se por exemplo, se aperceber alguém querendo falar concomitantemente, ou a oração coletiva tomando outro curso.

Pelo que conseguimos obter junto a manuais especializados, a Glossolalia,

- é linguagem preconceitual, irracional, "outra linguagem";
- é fenômeno psicológico sadio, libertador e terapêutico; não é glossomania (isto é, falar doentio);
- não é simplesmente xenoglossia (falar em línguas estrangeiras);
- não é carisma extraordinário, mas ordinário, que se apóia nos recursos naturais do homem;
- não tem caráter estático, submetida ao livre arbítrio.

A Glossolalia coletiva pode ser interpretada como fenômeno inclusive de massa, cada um se

exprimindo em sua maneira própria e espontaneamente. A Glossolalia individual, verifica-se quando “um só fala em línguas e os demais escutam em silêncio, emitindo um conjunto bem ritmado de fonemas ou sílabas distintas, articulados, estruturados, que apresentam caráter de coerência e de clareza fonética variada. Não é um verdadeiro falar, não é uma gagueira, nem uma sequência de suspiros de simples exclamações de alegria, nem um balbuciar ininteligível”, realça Bittlinger (Ib., p.99).<sup>7</sup> Eis uma questão que está a merecer uma pesquisa específica!..

Aquele que “fala em língua” fala a Deus, não aos homens, pois ninguém o entende. São Paulo  
1 Cor 14,2-4.

## 6. CONCLUSÃO

Entendemos que o objetivo do movimento carismático é basicamente a reforma espiritual pessoal e não a reforma social organizada. A convicção fundamental é que uma sociedade melhor só poderá ocorrer quando as pessoas tornarem-se melhores. Isto implica derrubar barreiras, pois onde existiam outrora preconceitos, existem agora novos horizontes.

Esta renovação vem provando ser um movimento verdadeiramente profético, forçando a comunidade cristã a fazer uma reexame de suas atitudes para com Jesus, para com o Espírito e para com a Igreja institucional.

Outro aspecto que nos surpreende nesta renovação é que ela atrai, a cada dia, um grande número de pessoas de todo nível sócio-econômico-cultural. Quem poderia esperar, por exemplo, que professores e alunos universitários teriam tido a primeira inspiração de inaugurar a renovação carismática? A história é clara sobre este ponto. Outro ponto curioso é que ela nasceu entre os leigos e ainda permanece em grande parte sob o controle

do laicato.

As manifestações e gestos todos caracterizados como carismas e verificados na liturgia carismática não podem ser vistos como novidade nenhuma, nem tem que se escandalizar quem os expressa, pois todos eles encontram respaldo na liturgia da igreja e nas tradições religiosas mais naturais da humanidade. O que é anormal não é sua presença hoje, mas sim a sua ausência nas práticas religiosas, por tanto tempo.

O louvor que brota espontâneo de milhares de pessoas e grupos, o gosto pela oração, pela comunicação viva, a alegria contagiante que acolhe e assume o próximo, são mais do que manifestos, são formas de Linguagem Total - mesmo o dom de línguas -, considerado por alguns, como algo impossível ou loucura, ou algo que não tem sentido.

A Renovação Carismática não se propõe a levar os adeptos a “orar em línguas”. Deseja, entretanto, chamar a atenção para a plenitude dos dons do Espírito Santo, - um dos quais é o dom de línguas -, e abrir as igrejas à possibilidade de beneficiarem-se de todos eles, visto estes dons pertencerem à vida normal, cotidiana, assim pois, sem quaisquer excepcionalidades.

Lógico que mister se faz discernirmos melhor cada um dos carismas, uma vez que existem julgamentos contraditórios por parte de alguém. Precisamos reconhecer, no entanto, que estudos feitos por psicólogos, teólogos, bispos e pastores de diversas confissões (especialmente várias conferências nacionais de bispos) levaram a diagnósticos positivos, sobre o movimento de renovação carismática.

Para nós, o importante é que vemos uma nova igreja, mais palpitante, participativa, usando de uma linguagem nova, não apenas na leitura da realidade existencial que envolve os participantes, mas sobretudo na dimensão em que os mesmos estabelecem laços de comunicação interpessoal, sempre caracterizados pela espontaneidade, pela alegria, pela manifestação viva do diálogo e expressões outras de sons, imagens, ritmos e palavras.

## Referências sobre a GLOSSOLALIA:

GLOSSOLALIA: Glôssa, língua, no duplo sentido, anatômico e linguístico, como em português: órgão muscular situado na cavidade bucal, e sistema de comunicação oral;

Laleîn, falar, verbo frequente no Novo Testamento: 299 empregos sem contar as palavras compostas-Glôssais lalein: Falar em línguas.

- Glôssais Laleîn: Falar em línguas: 1 Cor 12,30; 14,5.6.23.29
- Glôssei Laleîn: falar em língua. 1 Cor 14,2.4. 13. 5.27.
- Proseuchestai glôssei: Orar em línguas (Cl 14, 15).
- Genê Glossôn: a diversidade das línguas; 13,8. 1 Cor

Conclusão: glossolalia é uma palavra ambígua, como o são os dois componentes:

1. O verbo laleo significa, de maneira muito geral, toda a emissão de voz, inteligente ou não, inteligível ou não, como o manifesta a relação de sentidos enumerados pelo dicionário Bailly, ed. 1950, p. 1166.
2. O termo glôssa é igualmente ambíguo: corresponde a duas palavras em português que a lingüística convida a distinguir cuidadosamente:
 

Linguagem: toda a expressão (vocal ou outra) em sentido lato, incluindo aqui a linguagem dos animais.

Língua: sistema estruturado de fonemas (sons vocais) formado por arranjo de palavras, em ordem gramatical.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Edward D. O'Connor. A Renovação Carismática dez anos depois. São Paulo: Ed. Paulista, 1976. pág. 76.
2. Manuel Martínez. Medios de comunicación y relaciones sociales. Seminário dos Meios de Comunicação Social e Educação. México: 1971, pág. 17.
3. Renovação Carismática Presença Atual. Mensagem dos Bispos Canadenses. Ed. LOUVA-A-DEUS Ltda. Rio de Janeiro: 1981. pág. 86.
4. Leon J. Cardel Suenens. in Valor dos Carismas. A experiência de Pentecostes. Ed. Loyola. São Paulo: 76. pag. 47.
5. Francisco Gutierrez. Linguagem Total. Summus Editorial Ltda. São Paulo: 3ª Ed. pág. 55.
6. Edward D. O'Connor - in Para que se produza muitos frutos. Edições Loyola - São Paulo: 1978. pág. 63.
7. René Laurentin. Pentecostalismo entre os católicos. Ed. Vozes Ltda. Petrópolis, 1977.